O ESPÍRITO SANTO NO LIVRO DOS ATOS

O agitador social de Deus

Marcos Adoniran

Atos 2

O nosso propósito nesse artigo seria apontar caminhos para um entendimento sobre o papel do Espírito Santo no livro de Atos e, para tal, delimitamos o capítulo dois do mesmo como lugar privilegiado da nossa reflexão. Partimos do pressuposto de que o Espírito Santo, em Atos (como talvez em todo o Novo Testamento), mais do que uma doutrina ou um conceito seria uma experiência e, como toda experiência, teria a sua quota de estranheza que iria ganhando contornos mais definidos ao longo da história, mas que nunca ficaria totalmente resolvida. Nenhuma conceituação, nenhuma doutrina, nenhum dogma, portanto, poderia abarcar a riqueza da experiência. O vivido, enquanto vivido, ultrapassaria em muito o pensado, permanecendo, desse modo, como uma abertura para infinitas possibilidades.

O texto bíblico começa descrevendo uma reunião que é misteriosamente interrompida. Aliás, todo o texto está prenhe de mistério e cercado de mistério. A reunião seria de cerca de cento e vinte discípulos de Jesus que esperavam o cumprimento de uma certa ou incerta promessa. Qual era a promessa, ou o que era a promessa? A promessa era de que o Espírito Santo, ausente do cenário histórico por cerca de quatrocentos anos (pelo menos esse era o pensamento vigente), estaria para retornar exatamente para esse definido grupo. Mais do que isso não se sabia. Nem mesmo o que era o Espírito estaria muito claro para aqueles que, vindo das periferias da Palestina, nem conheciam nem estavam interessados em filigranas teológicas. Possivelmente, fariam discretas associações entre o movimento de João Batista, o movimento do próprio Jesus e a ação do Espírito (nesse caso, o Ausente não estivera tão ausente), porém tudo seria impreciso e misterioso.

O que aconteceu naquele dia? Lucas tenta narrar o mais fielmente possível e da melhor maneira possível descrever a cena, mas é visível sua dificuldade. Ouviu-se um misterioso som vindo do céu, como se fosse um vento impetuoso, som de tempestade, e viu-se línguas parecidas com fogo. Era como se ele dissesse que houve um vento que não era vento e um fogo que não era fogo, na tentativa bela, e ao mesmo tempo inútil, de apreender o mistério. Aliás, a palavra *mistério* deriva de um verbo grego que significa literalmente fechar os olhos e a boca. Portanto, o mistério estaria além de qualquer visão e de qualquer explicação, seria indescritível. Então, se a narrativa do Pentecostes descreve, como muitos afirmam, o início da Igreja, a Igreja nasce do mistério e se nutre do mistério e esse mistério é o mistério do Espírito.

O *vento* e o *fogo* são imagens conhecidas dos judeus para descrever a ação de Deus ou de seu Espírito. A própria palavra *espírito* significa *vento* tanto na língua grega quanto na língua hebraica. Portanto, o *Fogo* e o *Vento* de Deus irrompiam naquele momento na nova história que aquele grupo de pessoas, aquela comunidade emergente, estaria escrevendo. O Espírito seria o mistério do ar em movimento, o sopro do Deus criador e recriador da história. Mas, nesse momento, o Espírito irrompe na história não como brisa suave e refrescante ou como consolo cálido e acomodador, mas como tufão, tornado, ciclone ou furacão, abalando aquele grupo de pessoas e causando uma espécie de comoção, espécie de terremoto simbólico, na própria cidade de Jerusalém.

E então? O que é isso que chega trazendo espanto e causando confusão, atrapalhando a liturgia da Igreja e incomodando a multidão de peregrinos que se encontra em Jerusalém? Que força será essa capaz de desestabilizar o estabelecido e de transtornar o calmo e contido desenrolar da história? Que poder irreverente será esse que não entende a importância do culto dos discípulos nem da festa litúrgica do Pentecostes? Que energia será essa, que parece querer mudar todas as coisas e sacudir o tranqüilo cotidiano das pessoas?

Mais do que uma misteriosa força milagrosa, e de certo modo irracional, o Espírito vai-se demonstrar gradativamente, ao longo do livro de Atos, como uma misteriosa pessoa. O mistério da ação do Espírito vai sendo compreendido pouco a pouco como o mistério da ação do próprio Deus e como o mistério da própria presença de Jesus Cristo. Nesse experimentar o Espírito vai-se diluindo a discussão se o Espírito Santo é força ou pessoa. Se, nesse primeiro momento, Ele parece irromper como um algo que pode até ser infundido no interior das pessoas, posteriormente vai aparecer falando (13,2), proibindo (16,7), decidindo (15,28), em atitudes claramente pessoais. Para alimentar a discussão, poderíamos até perguntar: pode haver algo de Deus que não seja o próprio Deus? Ou o que emana de Deus não seria também Deus? De qualquer maneira, parece bem próprio afirmar que esse inicialmente *quê* se revelará depois progressivamente como um *quem*. O *Vento* de Deus e de Jesus seria o mistério da própria presença de Deus e de Jesus na Igreja e no Mundo.

A maquete de uma nova humanidade

O texto narra que judeus peregrinos de toda a parte do mundo acorrem para entender e apreciar o fenômeno e que, apesar de serem pessoas de línguas diferentes, conseguem entender aquele grupo de discípulos que anunciam as *verdades de Deus*. Se entendemos esse capítulo como uma espécie de resumo antecipativo de todo o livro de Atos, percebemos imediatamente que o Espírito deverá dirigir a comunidade para fora das fronteiras judaicas e para além de todo e qualquer etnocentrismo cultural. O Espírito não fala em hebraico ou em grego, mas em uma linguagem universal que respeita a língua e a cultura de cada nação. O projeto de uma Igreja multiforme antecipa-se simbolicamente aqui. A Igreja não é uma continuidade do projeto judeu-farisaico, mas algo absolutamente novo, que pode ser celebrado de diversas maneiras, por diversos povos, de acordo com os seus próprios costumes e culturas. Um cristianismo parta, persa, egípcio, trácio, ou outro, pode ser prenunciado aqui, cada um em sua língua e cultura. A Igreja pode ter muitas feições, de acordo com cada grupo étnico. Pode até

mesmo ter uma feição judaica, em língua e cultura judaica, mas não pode ter essa única feição, nem mesmo tê-la como dominante.

Entretanto, talvez seja mais importante ainda o modo como o discurso de Pedro interpreta os acontecimentos. Esse é o momento de cumprimento de uma antiga profecia, de um oráculo pronunciado pelo profeta Joel, muitos séculos atrás. Seria um oráculo sobre os fins dos tempos, ou sobre o começo do novo tempo desejado e anunciado por tantos outros profetas, tempo de plenitude de justiça que substitui o antigo tempo marcado por uma justiça imprecisa e titubeante. Seria um futuro dourado que restauraria um passado dourado marcado pela imagem ecológica de um jardim paradisíaco e pela posterior imagem da peregrinação de um povo construindo uma nação ideal em uma Terra ideal. Aliás, imagens de passado dourado e de futuro dourado existem na tradição de muitos povos. O discurso de Pedro interpreta aquele misterioso acontecimento como o começo desse novo tempo. O misterioso *quê* e *quem*, o Espírito, seria aquele que inaugura o futuro, rompendo violentamente as amarras de um passado duvidoso.

Se privilegiamos então a imagem de um *quem*, de um ser pessoal, o qual seria em última instância a pessoa do próprio Deus e a pessoa do próprio Jesus (experiência e mistério dos quais vai se alimentar o posterior dogma da Santíssima Trindade), com que figura poderíamos comparar a pessoa do Espírito que irrompe na comunidade com o ímpeto de um incontrolável e poderoso vento? Propomos aqui a figura do agitador social, lembrando pessoas como o hindu Mahatma Gandhi, ou o pastor negro norte-americano Martin Luther King ou o nosso brasileiríssimo Chico Mendes. Estes são homens celebrados pela história, que causaram grande comoção nos bastiões cristalizados de tradições passadas, núcleos e focos de injustiças sistêmicas, que tentam retardar e interromper a irrupção do futuro. Gandhi, com estranhos meios pacíficos, mistura de greves, passeatas, manifestações pacíficas, jejuns e atos litúrgicos, agitou a Índia contra o sistema colonialista até a mesma conseguir a libertação do predador imperialista britânico. Luther King, inspirado em Gandhi, usando os mesmos estranhos meios ou inventando novos, agitou a comunidade de negros dos EUA até conseguir leis mais justas ou derrubar alguns pontos de segregação racial da sociedade norte-americana. Chico Mendes agitou os povos da floresta até que estes conseguissem sensibilizar os órgãos internacionais de direitos humanos para o problema dos seringueiros e de uma industrialização predatória da Amazônia.

O agitador social não se aquieta enquanto não inquieta. Sua estabilidade pessoal é criar a instabilidade social. Causar celeuma, espanto, colocar tudo de cabeça para baixo, seria exatamente o seu propósito e sua maneira de agir constantemente. Parece que esse *quem*, o Espírito, comparece aqui exatamente assim: causando instabilidade e espanto, desinstalando um grupo de discípulos e uma população ordeiros e acomodados. Transformar repouso em movimento e rotina em novidade, parece ser o resultado de sua inesperada irrupção. A desestabilização produzida é mais do que visual. O oráculo de Joel, evocado no discurso de Pedro, aponta para transmutações de papéis sociais que colocam em um redemoinho as relações vigentes. É esse oráculo que passamos a tentar interpretar aqui, dentro do prisma da irrupção e agitação do Espírito de Deus.

> *E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e minhas servas naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo* (2,17-19).

A forma de aparição (teofania) do Espírito é demolidora. O *Vento* de Deus que sopra derruba preconceitos e destrói as históricas barreiras de separação entre judeus e gentios, homens e mulheres, jovens e adultos, escravos e livres. Já vimos acima como a linguagem falada pelo Espírito é uma linguagem universal e incluidora de toda a diversidade de línguas e culturas, onde a histórica separação entre grego e judeu é superada. Mas outras separações históricas serão ultrapassadas e outras divergências serão conciliadas, sendo a primeira, exatamente, a mais antiga e universal de todas, a separação e barreira entre homens e mulheres.

Os homens e as mulheres profetizam. As mulheres tornam-se também elas *Boca de Javé*, exercem atividades associadas posteriormente a um dos principais carismas das comunidades evangélicas, o carisma profético. Aliás, no Pentecostes, toda a comunidade torna-se comunidade profética. Mas, de uma maneira toda especial, tendo em vista as limitações impostas pela cultura vigente, o Espírito chega destravando a língua das mulheres, proibidas de falar em público e restringidas no falar privado. A mulher que não estava obrigada à lei, mas que estava sujeita a todas as punições previstas pela lei, e a mulher que era considerada artífice da sedução e promotora do pecado do homem, nas novas comunidades do Espírito ganha nova dignidade em uma situação de plena e absoluta igualdade.

Dessa maneira, o Espírito ameaça a instituição do patriarcado, potencializando ou criando o conflito dentro e fora da comunidade. Incluindo a mulher no carisma profético, o Espírito autoriza a mulher a viver a igualdade e desafia o homem a descobrir ou a redescobrir a mulher como companheira, proposta da criação de Deus e agora proposta da nova criação, a Igreja. Infelizmente, o homem não foi capaz de enfrentar o desafio e a proposta de igualdade foi sendo sabotada lenta mas solidamente pelo mesmo. Muito pouco tempo depois, na Igreja, as comunidades foram abandonando um discipulado de iguais, onde homem e mulher caminhavam juntos, em favor de um sutil e manhoso "patriarcado de amor", maneira camuflada de o homem manter a sua histórica dominação. A história posterior da Igreja mostra como a mulher foi perdendo, ao longo do caminho, essa dignidade concedida pelo Espírito nos primeiros tempos.

Quando estudamos a situação da mulher nesses tempos ficamos ainda mais surpresos com o Pentecostes. Mais ainda quando lembramos que muitos estudiosos desconfiam que o autor Lucas não seria propriamente um grande adepto da igualdade entre homem e mulher. O fenômeno teria sido admitido com alguma relutância, desde que Lucas não demonstra, no Evangelho que leva o seu nome e ao longo do livro de Atos, muito esforço em ressaltar o papel ativo das mulheres nas primeiras comunidades. Essa atividade transparece em seus textos, apesar de suas intenções, e é reforçada

por vários outros escritos dessa época e de épocas próximas a essa. Basta comparar o papel da mulher no Evangelho de João para perceber a diferença.

O que caracterizava a mulher na época de Jesus era o silêncio e a sombra. Principalmente nas grandes cidades, como a cidade de Jerusalém, a mulher não deveria ultrapassar a soleira da porta e muitas delas, segundo os historiadores, nunca ultrapassaram. Estavam circunscritas ao interior das suas casas, à sombra de uma vida privada e silenciosa. Silenciosa porque a mulher não poderia estudar a Lei (*Torah*) e rabino que se prezava nunca dirigia uma palavra pública a uma mulher. Nem mesmo o testemunho de uma mulher teria qualquer valor jurídico. Não era contada nas reuniões e deveria andar coberta e encoberta por um véu que escondia os seus sensuais cabelos. Assim, remetida ao silêncio e às sombras da história, o Espírito no Pentecostes foi desentranhá-la e destravar a sua língua. As mulheres falavam. E, ainda mais, falavam *as verdades de Deus*: profetizavam.

A próxima parte da profecia de Joel tratará da relação entre jovens e idosos. O curioso aqui, talvez, seria que o Espírito parece inverter os papéis dos jovens e dos idosos. Os anciãos gozavam até de grande prestígio na época, diferente da situação do idoso de hoje em dia. A sua imagem estava associada ao conselho e à sabedoria. Entretanto, os idosos deviam constituir um número pequeno dentre os cidadãos, desde que sabemos que a expectativa de vida média na Palestina seria em torno de 42 a 44 anos de idade. Essa média ainda era ameaçada no tempo de Jesus e da Igreja, pelo número de guerras, lutas e rebeliões, quase sempre envolvendo o Império Romano. O *sinédrio*, principal tribunal da lei judaica, era composto quase que exclusivamente pelos setenta e dois principais anciãos do povo judeu. Os conselheiros de reis e príncipes deveriam ser sempre escolhidos entre as pessoas mais idosas.

A julgar por alguns textos, porém, essa supremacia do idoso na sociedade não seria sempre aceita de modo pacífico. Os jovens, no seu afã de realização, na sua pressa em alcançar objetivos, nem sempre respeitavam a sabedoria e conselho dos mais velhos, considerados talvez excessivamente prudentes devido aos seus ritmos peculiares de vida. Os jovens, como todos os jovens de todos os lugares e de todos os tempos, sonhavam com mudanças, projetavam um futuro diferente, muitas vezes sem saber exatamente como implementá-lo. Desenvolviam sonhos e ideais e alimentavam o sentimento, algumas vezes, de que os idosos se constituíam em um entrave na direção das mudanças.

A profecia de Joel, cumprida naquele momento segundo o discurso de Pedro em Pentecostes, parece insinuar que os jovens, tendo visões, enxergam e exercem aquela sabedoria que se esperava dos anciãos. Estes últimos sonham como se fossem jovens. O Espírito instaura a sabedoria entre os jovens e instaura o futuro entre os idosos. Podem sonhar, olhar para a frente: o Espírito lhes abre os horizontes do amanhã e o caminho da eternidade. Em sua demolidora irrupção parece inverter o conflito, subvertendo os papéis destinados a cada grupo pela sociedade. Em nossos dias, há um movimento de revalorização da terceira idade, no seio de uma sociedade que exclui e discrimina os idosos e que supervaloriza a força, a técnica e a produção. O simples fato de haver esse

movimento sugere o fato de que os mesmos perderam os privilégios e a consideração de que gozavam antigamente. Privilégios, respeito e consideração que recebiam com toda a razão.

O Espírito também sopra sobre as relações sociais de natureza econômica. Servos e servas, que podem ser também escravos e escravas, recebem também o carisma profético. Há uma pequena diferença entre o texto do Antigo Testamento como originalmente foi escrito e o texto do discurso de Pedro. No texto do AT não aparece o possessivo. Em vez de *meus servos e minhas servas* como em Atos, aparece na profecia de Joel apenas *servos e servas*. Algumas pessoas acham que há uma tentativa de Lucas de espiritualizar o significado original, desde que Lucas também não trabalha muito bem a questão do pobre. De todo o modo, seria difícil arrancar algum sentido espiritual para a expressão visivelmente sócio-econômica. Mesmo *meus servos e minhas servas* devem ser compreendidos como servos mesmo ou escravos na escala social. Doutro modo, a expressão seria desnecessária porque se tornaria redundante, desde que a anterior *vossos filhos e vossas filhas* já inclui homens e mulheres sem distinção de idade.

Portanto, diante da situação dos escravos da época, o Espírito age como um grande incluidor. O agitador de Deus promove uma verdadeira comoção social. Os escravos que eram considerados, às vezes, como uma mera ferramenta de trabalho, uma *ferramenta que fala*, como afirma certo pensador antigo, são incluídos entre aqueles que recebem o dom de anunciar a palavra profética. Desse modo, os sem-esperança e sem-oportunidade, classificados como situados no ponto mais baixo da escala social e considerados moralmente indignos, são colocados no topo dessa escala e considerados dignos da infusão carismática do Espírito.

Precisamos ressaltar o fato de que o texto menciona *servos e servas* ou *escravos e escravas*. As mulheres escravas viviam uma dupla opressão: por serem mulheres, genericamente inferiores (segundo se pensava) e por serem escravas. A autoridade do senhor sobre os escravos e escravas incluía a possibilidade de dispor dos mesmos sexualmente, o que atingia especialmente a mulher (especialmente mas não exclusivamente). As escravas casadas com escravos tinham acrescida à sua opressão a submissão legal ao seu marido. Tornavam-se assim escravas de escravos, ferramentas de ferramentas, propriedade particular de quem não tinha direito à propriedade (propriedade do escravo seu marido) e propriedade geral do seu senhor.

Voltando da análise da citação da profecia de Joel para o misterioso evento de Pentecostes, podemos considerar que o fenômeno se desenvolve como um grande processo de instrução, onde os que não sabem ensinam aqueles que sabem ou que pensam saber. A exclamação de espanto – *Não são todos galileus?* – deve ser entendida à luz dos preconceitos da época. Os galileus, gente de estranha pronúncia gutural, habitantes do norte da Palestina, eram considerados pessoas amantes da algazarra e de confusão, avessos à educação e instrução e incapazes de compreender e de observar os ensinos da Torá, da Lei. Um provérbio da época dizia que dever-se-ia procurar a riqueza no Norte, mas a sabedoria apenas no Sul. A província da Galiléia, caminho e cruzamento de rotas comerciais diversas, servia apenas ao espírito aventureiro e à ambição

individual, valores desprezados pelos judeus zelosos, mas o verdadeiro valor, o sumo bem, a sabedoria, estaria circunscrita apenas à província da Judéia, especialmente à amada histórica capital, Jerusalém. Portanto, na cidade da sabedoria, Jerusalém, os incultos galileus ensinam as *verdades de Deus*. Ainda mais, falam uma surpreendente linguagem universal. Como se, de repente, um grupo de favelados, desescolarizados, começassem a falar inglês, alemão, francês, polonês e outros idiomas exatamente para patrícios das diversas nações onde se falam esses idiomas.

O sistema educacional está então subvertido. A sabedoria vem não dos círculos acadêmicos, eruditos, mas dos círculos populares. Os galileus do Norte, desprezados, na cidade da sabedoria judaica, no Sul, ensinam a emissários do mundo todo causando espanto e produzindo um inesquecível impacto sobre os mesmos. O Espírito Santo inverte também, dessa maneira, a direção natural do ensino e da sabedoria. Haveria um saber inacessível à erudição e ao academicismo que pertenceria exatamente aos excluídos do sistema educacional. E esse saber é que seria decisivo, de tal modo que os sábios tornam-se ignorantes e os ignorantes tornam-se sábios.

Além da quebra de barreiras lingüísticas, em um princípio de universalização do evangelho, da subversão das relações sociais e da inversão do sistema educacional, quebram-se também limites numéricos, mostrando firmemente que o propósito da Igreja não seria tornar-se um grupo de elite, uma restrita comunidade de pessoas especiais, mas um grande movimento de inclusão de muitas pessoas e povos, onde as massas são convidadas a se tornarem povo de Deus. De um pequeno grupo de cento e vinte discípulos, a comunidade torna-se uma multidão de mais de três mil pessoas, com todos os transtornos e desafios que tal crescimento acarreta. A inversão do Espírito pretende atingir todas as pessoas do mundo todo e não alguns poucos escolhidos que reivindicariam para si uma condição de perfeitos. A Igreja nasce como uma comunidade de pessoas comuns, com virtudes e defeitos, com possibilidade de sucessos e fracassos, e como um grande movimento de inclusão, onde todos podem encontrar espaço e lugar.

O terremoto e o maremoto causado pelo ciclone de Deus não é sem sentido: tem o objetivo de inverter todas as coisas porque todas as coisas estão invertidas. Promovendo a inversão da inversão, o Espírito realiza novamente a atividade criadora originária. Em outras palavras, o mistério não vive somente do mistério, ou nem toda atividade criativa seria necessariamente atividade criadora. Não se pode procurar a ação do Espírito apenas no misterioso e no inusitado, como se o simples fato de ser diferente apontasse para ser mais espiritual. A quebra de conceitos, de preconceitos e de paradigmas (para usar a palavra da moda), não se alimenta de si mesma, mas serve a um propósito. Formar novas comunidades que recuperem o significado original da humanidade seria o propósito principal dessa ação do Espírito. O Pentecostes aparece como um esboço, uma maquete de uma nova humanidade. O desenho do projeto que Deus deseja implementar na humanidade em suas peculiaridades e expressões diversas. Os últimos versículos do capítulo dois de Atos descrevem o resultado da experiência da ação do Espírito nessa primeira comunidade que podemos resumir através dos valores da *verdade*, da *justiça* e do *amor*.

O espírito da verdade, da justiça e do amor

A descrição da nova comunidade é feita de forma quase idílica, como uma espécie de restauração do Jardim perdido. No desenrolar do livro de Atos vamos percebendo os limites dessa descrição inicial. Imaginamos que uma comunidade assim seria o espaço também para uma série de conflitos e os conflitos realmente acontecem. Não há dúvida, porém, que há motivos para celebração e para muita celebração. Há uma tentativa honesta de se viver os novos desafios trazidos pelo Espírito e percebemos igualmente a participação e o acolhimento dos excluídos em todas as comunidades que vão surgindo ao longo da história. Esse processo de integração não é linear e progressivo. Há avanços e retrocessos e períodos em que predomina muito mais o modelo anterior de comunidade do que o novo modelo instaurado em Pentecostes. Há, entretanto, tantos momentos de vitória, que a celebração tem de ser a tônica dessa descrição que pretende ela mesma ser modelar. Pretendemos agora examinar um pouco essa descrição da Igreja em seu início.

> *E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada pessoa havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos pelos apóstolos. Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração. Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos* (2,42-47).

O anúncio da Palavra no discurso de Pedro fora em torno de Jesus e é em torno da sua memória que se organiza a nova comunidade. Aqui percebemos os resultados positivos da agitação do Espírito que podemos traduzir em três principais valores: justiça, verdade e amor. O Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus, só pode ser Espírito da Justiça, da Verdade e do Amor. Na busca da justiça, os discípulos procuravam resolver desigualdades econômicas e sociais. Esse é sem dúvida o sentido da primeira comunidade de bens. Outras comunidades também praticaram a comunhão de bens, de modo total ou, às vezes, parcial. A contínua instrução dos apóstolos buscava a verdade e conclamava o povo a viver de modo verdadeiro (sem hipocrisia, sem mascarar os conflitos, sem esconder os defeitos). E era o amor que comandava todo esse processo de busca de justiça e de procura da verdade. Por isso, a comunidade era graciosa e simpática, procurada diariamente por pessoas que desejavam experimentar da alegria irradiada.

Aqui finalmente o Espírito mostra a sua plena face. Viera para recriar o Universo, começando pela recriação de uma nova comunidade que seria a semente da nova humanidade de Deus. Para fazer isso, precisara soprar fortemente e destruir barreiras, preconceitos, idéias e atitudes que se opunham a tal tarefa. A figura atual que lhe cabe bem é a figura do agitador político-social, aquele cuja característica principal é estar inquieto enquanto não presencia transformações radicais e aquele que mobiliza o povo para que tais lutas realmente aconteçam. Essa sua ação sugere que a Igreja atual partilha desse Espírito quando revela o mesmo espírito de agitação e de inquietação. Essa Igreja universal, onde cada cristão é um cidadão cósmico, vive novos padrões de

verdade, de justiça e de amor, e busca esses novos padrões para a humanidade inteira. Em seu seio, homens e mulheres, jovens e velhos, pobres e oprimidos, vivem ou devem viver a restauração de sua dignidade e a plenitude de sua cidadania e encontram forças e motivação para participar da libertação de todos os excluídos do mundo inteiro, em um projeto de uma grande inclusão evangélica que é essencialmente uma grande inclusão social.

Sugestões bibliográficas

Indicamos alguns livros para leitura que podem ajudar na compreensão do episódio de Pentecostes e da idéia do Espírito no Novo Testamento, especialmente, bem como no ambiente da época da Igreja.

BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas – Atos: para uma teologia do Espírito.* São Paulo: Paulinas, 1996.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia del Nuevo Testamento.* Salamanca: Sigueme, 1981.

EDERSHEIM, Alfred. *In the days of Christ.* New York: Fleming H. Revell Company, 1876.

LEIPOLDT, Johannes e GRUNDMANN, Walter. *El mundo del Nuevo Testamento.* Madrid: Cristiandad, 1973.

SAOÛT, Yves. *Atos dos apóstolos.* São Paulo: Paulinas, 1991.

Além desses, a *Teologia Sistemática,* de Paul Tillich, traz uma reflexão muito boa sobre o Espírito; o comentário de COMBLIN sobre os Atos dos Apóstolos nos traz uma boa visão geral do livro; FIORENZA apresenta-nos o ponto de vista feminino sobre o ambiente da Igreja em *A mulher na origem da Igreja;* o estudo teológico-antropológico de WOLF, *Antropologia do Antigo Testamento*, nos apresenta o desenvolvimento semiótico do significado de *RUAH*, espírito, muito elucidativo mesmo para uma compreensão teológica do termo; e Joachim JEREMIAS nos apresenta uma excelente visão do mundo palestino em *Jerusalém no tempo de Jesus.*